

## REFLEXÕES EM PSICOLOGIA E CIÊNCIA: UMA ANÁLISE DA PESQUISA APLICADA À PSICOLOGIA CLÍNICA.

*Paulo Francisco de Castro*  
*Universidade Presbiteriana Mackenzie e*  
*Universidade São Francisco*

**Resumo:** O presente artigo é resultado de uma descrição teórica que objetiva uma discussão e uma reflexão acerca da Ciência em Psicologia, enfocando-se a área clínica. Devido à amplitude do tema, o atual estudo realizou um recorte das produções realizadas sobre a pesquisa científica em psicologia clínica, destacando, inicialmente, uma breve descrição histórica, a relação entre pesquisa e Universidade e o enfoque final em psicologia clínica.

**Palavras-chave:** Ciência e Psicologia, Pesquisa Psicológica, Pesquisa em Psicologia Clínica.

### REFLECTIONS ON PSYCHOLOGY AND SCIENCE: NA ANALYSIS OF THE RESEARCH APPLIED TO CLINICAL PSYCHOLOGY.

**Abstract:** This article is the result of a theoretical description which intends to raise a discussion and a reflection upon the psychological science field, focusing the clinical area. Due to the broad size of the subject, the existent material about scientific research on clinical psychology has been contracted and framed. Initially, there has been highlighted a brief historical description, and the relation between research and university, eventually approaching clinical psychology.

**Keywords:** Science and Psychology, Psychological Research, Research on Clinical Psychology.

#### **Psicologia e Ciência: uma nota histórica.**

O processo de tornar a Psicologia uma Ciência foi extremamente moroso. Teve início a partir das idéias de Descartes sobre investigação humana, nas quais considerava o comportamento sujeito a leis naturais e concretas e, assim, passível de observação empírica. No entanto, foi apenas três séculos depois que a Psicologia adquiriu status de Ciência a partir de Wundt. Em 1879, Wundt estabeleceu o primeiro laboratório psicológico do mundo, possibilitando o estudo direto dos fenômenos mentais. O movimento histórico se instaurou, apresentando inúmeros exemplos e autores que despontaram como expoentes na produção em Psicologia. (Hübner D'Oliveira, 1984). Cabe aos psicólogos, pesquisadores, professores e alunos não permitir que esse movimento cesse e que

a Psicologia, enquanto Ciência, sempre possa caminhar a passos constantes.

No Brasil, o papel dos laboratórios experimentais também foi muito importante para a construção de uma Psicologia científica brasileira. No início deste século, a instauração de laboratórios experimentais proporcionou o desenvolvimento de pesquisas na área psicológica. Foram também as primeiras instituições oficiais a desenvolver pesquisas, prestar assessoria e contribuir para o ensino de Psicologia, destacando-se o Instituto Psycho-Physiologico em São Paulo – 1901, o Laboratório de Psicologia da Escola Normal em São Paulo – 1913, Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro no Rio de Janeiro – 1924 e o Laboratório da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico em Belo Horizonte – 1929. Assim, a Psicologia, foi se difundindo e se desenvolvendo e

vários nomes como Domingues Jaguaribe, Ugo Pizzoli, Waclaw Radecki, Helena Antipoff dentre outros se destacaram nesse momento histórico, contribuindo para o desenvolvimento inicial de uma Psicologia brasileira e também para a solidificação dos conceitos e saberes psicológicos no meio científico e cultural brasileiro. (Marçal Ribeiro, 1997).

Embora destaca-se a importância dos experimentos e laboratórios da consolidação da Psicologia enquanto Ciência, LeShan(1994), a partir de uma reflexão pessoal e histórica sobre o desenvolvimento da Psicologia, apresenta uma crítica aos pressupostos teóricos que embasam a pesquisa básica, colocando que existe muita ênfase nos aspectos empíricos e observacionais em Psicologia. Enfatiza que a maioria dos estudos em Psicologia desenvolveram-se com animais em laboratórios cujas variáveis encontram-se totalmente controladas e coloca que acha difícil extrapolar esses estudos aos seres humanos. Por outro lado, propõe uma Psicologia que tenda ao metafísico e ao artístico, cujo único objetivo é fazer dos indivíduos seres mais felizes.

Destaca-se que as contestações apresentadas pelo autor podem mostrar-se muito inquietantes, caso o leitor não possua um conhecimento aprofundado sobre o assunto e passe a julgar as provocações apresentadas de forma impulsiva e passional. Mostra-se necessário um exame mais contextualizado, baseado em fatos e em conhecimento da área para uma reflexão mais consciente e, neste caso, menos tendenciosa.

Seguindo essa mesma linha de crítica ao movimento objetivo em Psicologia, Bertolino (1995) tece uma perspectiva histórica do desenvolvimento do caráter científico em Psicologia. Critica, duramente, o modelo

experimental ou racional, ao colocar que a cientificidade em Psicologia relaciona-se a um arranjo “a sombra da mais inequívoca tradição cartesiana”, conforme colocações a seguir: “Tudo muito zelosamente arranjado à sombra da mais inequívoca tradição cartesiana. Aí, as águas de tais filosofias da ciência vão juntar-se àquelas da Psicologia, como as vimos correr ao longo dos últimos séculos, tanto na teoria como na prática. Forma-se esse estranho caudal, chamado ciências humanas, que vem mordendo barrancas e salvando seu leito como pode.” (Bertolino, 1995:22).

Ainda segundo Bertolino, a Psicologia avançou, em seu desenvolvimento científico, apenas a partir das idéias sartreanas sobre fenomenologia e humanismo. Diz, referindo-se a Sartre: “Somente sobre essas bases ontológicas primeiro, e epistemológicas depois, é que foi e continua sendo possível estabelecer uma psicologia corretamente científica: onde se respeite a realidade factual da consciência em sua autonomia e, ao mesmo tempo, a realidade do mundo objetivo, em sua materialidade: sem dissolver um no outro”. (Bertolino, 1995:36).

Na verdade, as colocações do autor tendem mais a uma postura cartesiana do que aos princípios objetivos e comportamentais que critica. A falsa dicotomia entre o objetivo e o subjetivo remonta a discussões dos tempos dos grandes filósofos e tendem a ser secundárias em um mundo psicológico em pleno desenvolvimento e construção. Atualmente, os cientistas e pesquisadores mantêm uma linha metodológica de pesquisa, mas, compreendem que as distâncias apregoadas no passado estão menores atualmente e o próprio conhecimento acumulado nos demonstra isso. O limite entre um posicionamento crítico e uma postura dogmática é

bastante tênue e, em se tratando de Ciência, muito perigoso, a crítica pressupõe um julgamento e este, não necessariamente, é derivado de análises e estudos aprofundados sobre o objeto julgado. É necessário se posicionar frente a referenciais teóricos e metodológicos definidos para evitar o risco perigoso e pouco científico do ecletismo. Entende-se, por outro lado, que a Psicologia, por suas propriedades e ampla condição teórico, técnica e metodológica, permite espaço para diferentes pontos de vista epistemológicos sem perder o caráter científico. Existe espaço na Ciência psicológica para posicionamentos diversos e entende-se que o convívio pacífico e harmonioso entre esses referenciais (teóricos ou metodológicos) depende do conhecimento, mesmo que mínimo, de cada um deles.

Reafirma-se que, após a iniciativa de Wundt, muito aconteceu na Psicologia. Outros nomes como Freud, Jung, Skinner, Piaget, dentre tantos outros tornaram-se expoentes em nossa área, devido às suas produções e suas formulações teóricas e metodológicas. Atualmente, a Psicologia dispõe de uma grande variação de modelos teóricos e pontos de vista metodológicos de investigação científica. Entendemos que essas diferenças acompanham os movimentos de mudança da própria Filosofia da Ciência, em que as diferenças não anulam, nem atrapalham o crescimento e a produção intelectual. Na verdade, a Psicologia pode caminhar tranqüilamente entre o positivista e o idealista, o concreto e o abstrato, o objetivo e o subjetivo, o empírico e o teórico, sem perder sua identidade original.

“O espaço psicológico é, como se sabe, ocupado por inúmeros projetos de Psicologia, ou, dito de outra forma, nosso campo demonstra como uma pluralidade de perspectivas teóricas e metodológicas. A cada uma destas perspectivas

corresponde uma comunidade mais ou menos bem estruturada em torno de alguns interesses” (Figueiredo, 1995b:8).

Outro ponto tão importante quanto aos referenciais teóricos em pesquisa psicológica é a relação existente entre Psicologia e seu objeto de estudo. Marzagão (1995) propõe uma reflexão entre a dicotomia sempre presente entre acontecimento e estrutura, ou seja, “existe um saber sobre o acontecimento que não se qualifica como científico, ou, existe uma ciência do fato humano, mas esta não chega ao acontecimento?” (Marzagão, 1995:41). Analisa a estreita relação entre a Psicologia e o fenômeno que ela investiga, enfatizando que essa relação é permeada pelos pressupostos teóricos que embasam o pensar do pesquisador. Comenta que as teorias científicas desenvolvem-se a partir “de um movimento natural e cognitivo de nomear e das explicações para a multiplicidade de acontecimentos que rodeiam o homem” (Marzagão, 1995:50) e que as teorias psicológicas tem a mesma origem na Filosofia e nos ideais daqueles que as desenvolvem. Não se mostra totalmente favorável a essa multiplicidade de formulações teóricas, por colocar que a Psicologia deveria seguir um objeto de investigação uniforme. Mas, como as diferentes formas de investigação existem e são fruto do próprio desenvolvimento da Psicologia, existe a necessidade de uma investigação das relações psicológicas entre os objetos investigados e as diferentes metodologias de estudar esses objetos, na busca de uma adequação teórico-metodológica de investigação e pesquisa e demonstra ser de extrema relevância na construção de investigações e pesquisas.

Nota-se que, por mais que se pesquise e se teorize será impossível organizar um conjunto de idéias unidirecionadas e uníssonas quanto ao assunto da pesquisa em Psicologia, sua

natureza e interrelações entre conhecimento e conhecedor. Entende-se que essa posição multifacetada faz parte da própria identidade da Ciência, que a Psicologia herdou, ao receber os referenciais científicos. Mas, destaca-se que pesquisar e produzir conhecimento não é colocar um ponto final na discussão, mas sim abrir um leque quase infinito de possibilidades, análises e discussões.

Principalmente como coloca Chaves (1994), ao se referir sobre a crise dos paradigmas na pesquisa em Psicologia: “A pesquisa psicológica passa, hoje, pela crise de paradigmas para investigar a própria crise do homem contemporâneo, que convive com a própria crise do conceito de paradigma e vivência, então, seus medos básicos. Esse tipo de pesquisa requer, portanto, muita atenção do cientista para a boa convivência com a problemática e o encontro de soluções satisfatórias na busca de seu objetivo na investigação e na necessidade de uma boa comunicação intersubjetiva e ética. Entretanto, desordem e crise levam sempre a momentos de grande desenvolvimento individual e social com crítica e criatividade” (Chaves, 1994:65).

Devido a essas questões, pode-se utilizar, em Psicologia, várias estratégias metodológicas, tanto quanto à estrutura da pesquisa e forma de coleta de dados, quanto à forma de tratamento e análise dos dados para obter as conclusões. Atkinson et al. (1995) aponta métodos científicos de investigação em Psicologia: o método experimental, método correlacional, método observacional e método de levantamento. O mesmo encontra-se em Hübner D’Oliveira (1984), que descreve o estudo descritivo, correlacional e experimental.

Além destes modelos, a forma de tratamento de dados pode possuir um enfoque quantitativo, qualitativo ou, até

mesmo, utilizar uma metodologia mista entre estas duas proposições conforme estudos descritos por Fernandes (1996), Civiletti (1996), Carneiro (1996) e Guareshi (1996).

Sigelmann (1991) considerava, por exemplo, como movimento pós-moderno em Ciência, o fato dos pesquisadores abandonarem o mecanicismo das complicações encontrados nas produções anteriores em Psicologia, que tendiam a uma simplificação e uma redução dos fenômenos complexos, deixando-os descontextualizados e à parte do funcionamento global do Homem. Atualmente, as novas produções em Psicologia Clínica tendem a uma compreensão global, gestaltica do Homem e de seus fenômenos, demonstrando uma transformação do que é identificado como científico.

## **A Pesquisa Psicológica e a Universidade**

A pesquisa e a produção científica em Psicologia, como em qualquer área do conhecimento, está inserida num contexto acadêmico, vinculadas à formação profissional nas agências de formação universitária. Gomes (1996) destaca a relação entre pesquisa e formação de psicólogo, traçando um panorama histórico para justificar essa relação. Inicia suas colocações destacando o próprio surgimento da Psicologia como Ciência, partindo do século XIX, enfocou o interesse pelo estudo da consciência e processos mentais, e colocando acerca dos movimentos teórico-epistemológicos em Psicologia de 1890 a 1935. O Estruturalismo, Funcionalismo, Gestalt, Behaviorismo e Psicanálise. Após esse período, enfocou o desenvolvimento da Psicologia Aplicada, voltada à Educação e ao surgimento dos instrumentos de

investigação ou testes psicológicos. Passa pelo reconhecimento da Psicologia como Ciência Experimental e a época dos grandes sistemas em Psicologia. Suas repercussões, no Brasil, podem ser observadas pelos programas e atividades aplicadas nos cursos de Medicina e Educação por todo o país. Depois traça um panorama de pesquisa no Brasil, enfatizando que o desenvolvimento de pesquisas sempre esteve atrelado à prática em Saúde e em Educação. Passa a um momento em que aponta a relação da pesquisa com cursos de graduação e de pós-graduação, destacando o surgimento dos cursos de pós-graduação na PUC-RJ, USP e PUC-SP. Coloca, por fim, a relação reversiva entre pesquisa e prática e a importância da formação de profissionais e pesquisadores, em que o desenvolvimento constante de pesquisas pode subsidiar o desenvolvimento fundamentado da prática profissional e vice-versa, formando uma díade indissolúvel na produção de conhecimento contemporâneo. O autor conclui sua pesquisa dizendo que o primeiro compromisso do ensino da profissão e da iniciação a um movimento de produção é a apresentação geral do problema, do objeto de investigação, depois disso, coloca que “o desenvolvimento desta ou daquela preferência dependerá da tradição deste ou daquele curso, da natureza do que se estuda, e da vocação de quem quer ser um pesquisador” (Gomes, 1996:49).

Segundo o ponto de vista de Carneiro (1993), existem quatro argumentos que justificam e fortalecem a importância das pesquisas em Psicologia se vincularem a Universidade e agências formadoras, através dos seus cursos de graduação e, principalmente, através dos seus cursos de pós-graduação, uma vez que a Universidade é um pólo produtor de conhecimentos e a pesquisa é uma das

formas de produção de conhecimento. Os argumentos são os seguintes:

1. a responsabilidade da Universidade na crítica e na produção do conhecimento em Psicologia em qualquer de suas áreas de atuação: uma vez que se difunde, através dos meios de comunicação, a Psicologia, principalmente a área clínica, aliado a um grande número de profissionais que atuam nessa área cabe à Universidade, através dos cursos de Pós-graduação que constituem espaço privilegiado de discussão, uma reflexão constante e contextualizada acerca dos métodos aplicados e suas consequências;
2. o mútuo benefício da relação entre a profissão de psicólogo e a academia: no momento em que várias áreas vão sendo redefinidas, a Psicologia também não escapa de uma avaliação da relevância do que tem produzido, neste repensar do papel da Psicologia enquanto profissão, ganham os profissionais que procuram legitimidade na academia e ganha a academia que contextualiza e dá relevância às produções dos profissionais;
3. os cursos de pós-graduação lato sensu não substituem os cursos stricto sensu: principalmente na área clínica, em que há uma grande procura pelos cursos de stricto sensu, buscando um enriquecimento na produção em Psicologia Clínica ou por exigência acadêmica, após os candidatos cursarem cursos de lato sensu, no sentido de uma preparação profissional para os atendimentos em clínica, observa-se que não há uma substituição, mas sim uma complementação entre os cursos de pós-graduação e a profissão; e

4. os cursos de Mestrado e Doutorado têm que assumir sua responsabilidade na formação do docente / pesquisador nas áreas profissionais em Psicologia: os cursos de *stricto sensu* não podem ficar à margem de questionamentos pertinentes às suas áreas de concentração e devem assumir que, através de seus cursos, serão formados aqueles que formarão profissionalmente os novos profissionais em Psicologia, sendo assim, não se mostra necessário apenas uma formação teórica, mas sim uma formação também prática e de aplicação.

Em estudo desenvolvido sobre a motivação para a pesquisa em 43 estudantes de Psicologia, Bariani concluiu que “o que os levou a se engajarem em uma pesquisa, as respostas se concentram à aspectos como curiosidade, interesses pessoais por assuntos ou áreas de conhecimento específicos; interesse em conhecer metodologia de pesquisa e aprender a pesquisar; por ser uma atividade que é importante e contribui para a vida acadêmica e a formação profissional” (Bariani, 1995:60).

Estes mesmos alunos classificaram o fazer pesquisa científica como muito importante, interessante, desafiador, que contribui muito para a vida acadêmica e para a formação profissional.

Nobre de Andrade, Lozada e Santos (1997) apresentaram um estudo realizado com estudantes de Psicologia acerca da pesquisa na graduação, demonstrando que, quanto maior a participação de alunos em pesquisas de intervenção e atendimento à comunidade na graduação, maior a flexibilidade e preocupações éticas quando formado.

A pesquisa psicológica, portanto, deve estar atrelada às Instituições de ensino de Psicologia, principalmente às Universidades. Entretanto, a prática e o desenvolvimento de pesquisas não é uma constante nos cursos de Psicologia. Como demonstrou Rocha Júnior (1996), ao pesquisar o currículo dos cursos de Psicologia, conclui que os cursos têm ênfase no ensino, em detrimento da pesquisa e da extensão. Coloca que as escolas públicas oferecem mais oportunidade de pesquisa e demonstram maior produção em pesquisas na graduação, e conclui seu trabalho sugerindo que é necessário incentivar a pesquisa, para se corrigir a ênfase dada no ensino.

A Universidade, na verdade, é um dos representantes mais fortes da Ciência, a concepção de Ciência está atrelada ao fazer pesquisa e a concepção de Psicologia como Ciência depende do quanto a Psicologia faz pesquisa. Assim, parece mais do que necessário o desenvolvimento de pesquisas em cursos de Psicologia nas Universidades, sendo que Universidade, Ciência, Pesquisa e Psicologia, nesse sentido, mostram-se inseparáveis.

### **A Psicologia Clínica como área da Ciência Psicológica.**

Uma das áreas de maior interesse e produção em Psicologia é a Clínica. Pesquisas realizadas pelos órgãos oficiais de regulamentação da profissão, bem como pesquisas vinculadas aos cursos de pós-graduação, mostraram e mostram a área clínica como maior em interesse e satisfação profissional entre os pesquisados (Achcar, 1994; C.F.P., 1988; C.F.P., 1992; C.F.P., 1995 e Mello, 1983). Ainda na graduação, não raro, observa-se os alunos se inclinarem, em momentos cada vez mais precoces do

curso, a um direcionamento de atuação clínica.

Segundo Bonfim, Carneiro, Campos e Dias (1995), a partir de um levantamento estatístico que subsidiou uma pesquisa realizada junto aos programas de Pós-graduação filiados à ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia), a produção científica nos cursos de Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica e da Saúde evidencia um significativo crescimento a partir de 1993/1994. Esse levantamento foi realizado tanto nas Instituições filiadas à ANPEPP, como nos simpósios organizados pela associação.

Amaral e Yoshida (1993) relatam o profícuo vínculo que pode existir entre a prática de pesquisa e o atendimento psicológico clínico em Instituições de saúde. Relatam uma experiência de atendimento junto ao Hospital de Cirurgia Plástica Crânio Facial, onde o atendimento psicológico realizado com os pacientes subsidia um conjunto de pesquisas na área de Psicologia Clínica. Descrevem o desenvolvimento de duas principais linhas de pesquisa na área de Psicologia. A primeira está relacionada ao desenvolvimento, aprendizagem social e aspectos de personalidade dos indivíduos portadores de deformidades faciais e envolvidos nos serviços do hospital. Estão ainda incluídos estudos sobre a família, a sociedade, a escola e relações sociais desses pacientes, e, também, comparações com as populações não portadoras de defeitos. A segunda linha de pesquisa está relacionada ao diagnóstico, produção de instrumentos de medida e técnicas terapêuticas, além de investigações em psicopatologia relacionadas ao medo, depressão, estresse..., como também técnicas de enfrentamento.

Pode-se estabelecer a mesma relação entre a pesquisa e a prática clínica, estreitando os benefícios da

pesquisa na formação do psicoterapeuta. “É bom reafirmar que a tarefa psicoterapêutica não deixa de ser uma arte, assim como saber redigir um texto científico é também uma arte. No entanto, estou convicto de que a psicoterapia não pode sustentar-se em crenças teóricas. Técnicas e práticas devem submeter-se sistematicamente ao escrutínio de testes empíricos. No caso, arte seria a capacidade de saber criar técnicas e situações de pesquisa para compatibilizá-las com a realidade terapêutica, e a ideologia seria a preocupação permanente com a cidadania dos usuários – o direito os indivíduos a um bom atendimento.” (Gomes, 1995:92).

Como a psicoterapia se relaciona à prática clínica, o autor estabelece uma metáfora sobre o desenvolvimento da habilidade de ser terapeuta com a prática dessa formação, utilizando para isso o conceito de arte. Tal como Trinca (1988), que estabelece comparação semelhante, quando relata acerca da atitude do psicanalista, associando-a à arte e, assim, realizando uma construção psicológica baseada na criatividade, liberdade e leveza. Embora a prática clínica se baseie e se desenvolva a partir de teorias e formulações teóricas. A aplicação desses conhecimentos, através da psicoterapia, deve sempre estar submetido às comprovações e testes na realidade do dia-a-dia dos pacientes, por isso empíricos.

Por outro lado, existe um grande questionamento sobre o estreito laço entre prática clínica e pesquisa, principalmente no que se refere à clínica e alguns métodos de investigação. Figueiredo (1987) apontava que as práticas apenas dão ensejo a uma demanda de pesquisas em clínica e que as estratégias quantitativas e qualitativas de interpretação e dados se articulam em Psicologia Clínica, com o preço de uma substancial aumento da complexidade do

trabalho, ou seja, colocava que as pesquisas práticas ou pesquisas sobre métodos de intervenção na área clínica apenas proporcionavam uma discussão complexa sobre pontos já discutidos e analisados, aumentando apenas a complexidade das discussões, sem qualquer benefício prático nos atendimentos. Portanto, segundo ele, a prática clínica não recebe grandes contribuições a partir das pesquisas práticas na área. Anos depois, Figueiredo (1995a) aponta uma reflexão sobre os rumos e as possibilidades da investigação do psiquismo sob dois pontos de vista. O primeiro refere-se aos pontos epistemológicos de investigação do aparelho psíquico. O segundo se liga à constituição da metodologia de investigação, baseada em uma experiência clínica aplicada. Afirma que “seríamos levados a pensar numa articulação contraditória entre clínica e pesquisa” (Figueiredo, 1995a:79). Esta colocação de contradição se baseia na dificuldade, segundo o autor, de uma investigação da estrutura psíquica de um indivíduo acontecer, concomitantemente, a um atendimento em psicoterapia, sendo assim, ou se realiza um levantamento para pesquisa ou se realiza uma psicoterapia. Isto posto, segundo o ponto de vista de alguns autores, a relação direta e frutífera entre clínica e pesquisa não é tão clara e definida quanto para outros.

Tavares (1995) apresenta a flexibilidade, em relação à tomada de posição teórica, como a atitude básica para o clínico-pesquisador. Defende a atuação do psicólogo clínico na pesquisa e estabelece três papéis ou atividades fundamentais além de sua atuação clínica:

1. Consumidor de pesquisas: Deve estar atento e acompanhar as novas pesquisas desenvolvidas na área clínica como técnicas de avaliação em psicodiagnóstico ou de intervenções

psicoterapêuticas, sempre analisando a viabilidade de aplicação destes novos conhecimentos em sua vida prática de atendimento. “O clínico-pesquisador é o responsável último pela decisão de como estas pesquisas irão afetar seu trabalho.” (Tavares, 1995:173). Atribui ao profissional, ainda, a responsabilidade de avaliador crítico das pesquisas e dos recursos metodológicos, assim, a partir de sua experiência, ele poderá contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas através de um feedback prático frente às pesquisas realizadas.

2. Produtor de pesquisas: Está diretamente relacionado com o que é vanguarda em sua área estudando e produzindo novos conhecimentos que possam ser generalizáveis para além de sua prática clínica. “Portanto, estará preocupado com validade interna (consistência metodológica) e externa (generabilidade ou aplicabilidade de seu trabalho a outros contextos)” (Tavares, 1995:174).
3. Avaliador de seu próprio trabalho: É uma função crítica que se relaciona a uma avaliação constante dos serviços e programas de saúde mental que mantém um vínculo profissional, este papel se mostra muito importante, pois se relacionam ao “desenvolvimento futuro da Psicologia Clínica” (Tavares, 1995: 175).

Apresentando também uma visão mais integrativa entre a prática clínica e a pesquisa, embora não deixe de apresentar pontos de dificuldades, Guirado (1997) mostra uma possibilidade de transitar do consultório à academia, escapando das dicotomias, segundo ela irredutíveis, e tomando uma interface da pesquisa e da



clínica como objeto de estudo. Para ela o caminho são “os esquemas de pensamento que estruturam o fazer psicanalítico nos atendimentos terapêuticos e nas pesquisas” (Guirado, 1997:145), ou seja, propõe que o pesquisador use, como recurso metodológico de análise, o discurso do paciente, através da análise desse discurso, sob os pressupostos teóricos da psicanálise, poder-se-á uma interpretação clínica e também a produção de estudos na área clínica.

### **Considerações Finais**

Notadamente, parece impossível estabelecer um padrão ou um eixo comum entre as colocações dos diferentes autores e pesquisadores acerca da pesquisa e, especificamente, da pesquisa em psicologia clínica.

Entendemos que essas divergências teóricas e metodológicas só têm a acrescentar e a estimular o pensamento empreendedor e científico em Psicologia. Embora possa parecer paradoxal, todo o conhecimento em psicologia clínica foi estimulado por inquietações de pesquisadores, por concordar ou não com o que era apregoado ou estabelecido através dos postulados teóricos de então.

O campo de conhecimento psicológico, a partir de suas abordagens teóricas, permite o pensar científico de diferentes formas. Nenhuma abordagem ou estratégia metodológica é detentora da certeza absoluta em psicologia. O importante é que exista uma coerência entre as bases teóricas e filosóficas da pesquisa metodológica empregada para sua investigação.

Outro ponto interessante para ressaltarmos é a participação das agências formadoras. As Universidades, quer nos cursos de graduação, quer nos cursos de pós-graduação, possuem uma grande

responsabilidade no que se refere às pesquisas.

O fazer pesquisa deve ser estimulado e garantido nos cursos de Psicologia, fazendo com que os alunos desenvolvam uma postura empreendedora e, assim, possa-se gerar um conjunto de grandes pesquisadores na área clínica, como em outras também.

A investigação científica em psicologia clínica pode proporcionar um amadurecimento e um desenvolvimento das técnicas e dos procedimentos empregados nos tratamentos psicológicos, visando à saúde mental dos indivíduos. Quanto mais a área clínica se desenvolve e isso só é possível com o desenvolvimento de pesquisas na área, mais possibilidades de intervenção são descobertas. Sendo assim, a prática clínica pode e deve subsidiar a pesquisa em psicologia clínica que, por sua vez, subsidia a prática, estabelecendo-se um estreito laço entre esses dois aspectos, que se mostram, portanto, indissolúveis.

### **Referências Bibliográficas**

- AMARAL, V.L.A.R.; YOSHIDA, G.O. (1993). A Psicologia como Profissão a área da Saúde, a Prática, a Supervisão e a Pesquisa: Relato de uma Experiência. Estudos de Psicologia 10 (3):85-94.
- ACHCAR, R. (Coord.) (1994) Psicólogo Brasileiro: Práticas Emergentes e Desafios para a Formação. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- ATKINSON, R.C.; ATKINSON, R.L.; BEM, D.J.; SMITH, E.E. (1995) Introdução à Psicologia. 11ª Edição. Porto Alegre. Editora Artes Médicas.
- BARIANI, I.C.D. (1995) Um Estudo Exploratório sobre Motivos e os Significados Associados à Prática da Pesquisa em Estudantes Universitários. Estudos de Psicologia 12(1): 57-63.

- BERTOLINO, P. (1995) Psicologia: Ciência e Paradigma. Em: Conselho Federal de Psicologia. Psicologia no Brasil: Direções Epistemológicas. Brasília – DF. Conselho Federal de Psicologia.
- BONFIM, E.M.; CARNEIRO, T.F.; CAMPOS, R.H.F.; DIAS, M.G. (1995) Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia no Brasil. Em: Conselho Federal de Psicologia. Psicologia no Brasil: Direções Epistemológicas. Brasília – DF. Conselho Federal de Psicologia.
- CARNEIRO, E.G.: (1996) A Controvérsia Qualidade X Quantidade nos estudos sobre Inteligência Humana. Resumos de Comunicações Científicas da XXVI Reunião Anual de Psicologia. Ribeirão Preto. SP:16.
- CHAVES, L.F. (1994) A Pesquisa em Psicologia: A crise dos paradigmas. Psique(4) (5):58-66.
- CIVILETTI, M.V.: (1996) O Qualitativo e o Quantitativo em Pesquisas sobre Educação Infantil. Resumos de Comunicações Científicas da XXVI Reunião Anual de Psicologia. Ribeirão Preto – SP: 15.
- Conselho Federal de Psicologia. (1988) Quem é o Psicólogo Brasileiro? São Paulo. Edicon.
- \_\_\_\_\_ (1992) Psicólogo Brasileiro: Construção de Novos Rumos. Campinas. Editora Átomo.
- \_\_\_\_\_ (1995) Psicologia no Brasil: Direções Epistemológicas. Brasília – DF. Conselho Federal de Psicologia.
- FERNANDES, S.L.C. (1996) O Qualitativo e o Quantitativo em Pesquisa Psicológica. Resumos de Comunicações Científicas da XXVI Reunião Anual de Psicologia. Ribeirão Preto – SP:15.
- FIGUEIREDO, L.C. (1987) A Formação de pesquisadores em Psicologia Clínica. Psicologia Clínica – Pós-Graduação & Pesquisa 2 (2): 9-16.
- \_\_\_\_\_ (1995a) Investigação em Psicologia Clínica. Em: Conselho Federal de Psicologia. Psicologia no Brasil : Direções Epistemológicas. Brasília – DF. Conselho Federal de Psicologia.
- \_\_\_\_\_ (1995b) Psicologia e Cientificidade: Para uma Política do Rigor. Jornal do Federal 10 (38): 5-8.
- GOMES, W.B. (1995) A Relevância da Pesquisa na Formação do Psicoterapeuta: Autonomia e Qualificação Profissional. Temas em Psicologia 1 (1):83-93.
- \_\_\_\_\_ (1996) Pesquisa e Ensino em Psicologia: Articulações Possíveis entre graduação e pós-graduação. Coletâneas da ANPEPP – Repensando a formação do Psicólogo: da Informação à Descoberta 1 (9):33-50.
- GUARESHI, P. (1996) O Qualitativo e o Quantitativo em Pesquisa Psicológica. Resumos de Comunicações Científicas da XXVI Reunião Anual de Psicologia. Ribeirão Preto – SP:16.
- GUIRADO, M. (1997) Vértices da Pesquisa em Psicologia Clínica. Psicologia USP 8(1):143-155.
- HÜBNER D'OLIVEIRA, M.M. (1984) Ciência e Pesquisa em Psicologia: Uma Introdução. São Paulo. E.P.U.
- LESHAN, L. (1994) O Dilema da Psicologia: Olhar de um psicólogo sobre sua complicada profissão. São Paulo. Summus Editorial.
- MARÇAL RIBEIRO, P.R. (1997) Primórdios do Ensino e da Pesquisa em Psicologia no Brasil: Os Laboratórios Experimentais. Resumos Congresso Interamericano de Psicologia. São Paulo – SP: 25.
- MARZAGÃO, L.R. (1995) Psicologia, Ciência e Epistemologia. Em: Conselho Federal de Psicologia.

- Psicologia no Brasil: Direções Epistemológicas. Brasília – DF. Conselho Federal de Psicologia.
- MELLO, S.L. (1983) Psicologia e Profissão em São Paulo. São Paulo. Editora Ática.
- NOBRE DE ANDRADE, A.; LOZADA, A. e SANTOS, E. (1997) O Aluno como agente do conhecimento: da Reprodução à Produção em Psicologia. Resumos do XXVI Congresso Interamericano de Psicologia. São Paulo – SP:295.
- ROCHA JUNIOR, A. (1996) Currículos de Psicologia: Uma Análise Crítica. São Paulo, 204p. Dissertação de Mestrado Universidade Mackenzie.
- SIGELMANN, E. (1991) A Ciência Pós-moderna na Psicologia Clínica. Arquivos Brasileiros de Psicologia 43 (3/4):36-44.
- TAVARES, M. (1995). O papel do Clínico-Pesquisador para o Desenvolvimento da Psicologia Clínica. Psicologia: Reflexão e Crítica 8(2) : 169-180.
- TRINCA, W. (1988) A arte interior do Psicanalista. São Paulo. E.P.U. – EDUSP.